



## Violência contra a mulher: o impacto na saúde mental, sexualidade e prevenção de ISTs em mulheres em situação de violência doméstica e sexual, assistidas por um Centro de Referência em Vitória da Conquista

Murilo Alves<sup>1</sup>, Alana Oliveira Freitas Yoshiura<sup>1</sup>, Aline Dandhara Behrmann Nunes<sup>1</sup>, Bianca Ferraz Gonçalves<sup>1</sup>, Camilla Sales Costa<sup>1</sup>, Dandara Leite Da Silva<sup>1</sup>, Ingrid Prado Souto<sup>1</sup>, Isabela Nascimento Mendonça<sup>1</sup>, João Augusto Saraiva Silva<sup>1</sup>, Kamila Torres Mattiello<sup>1</sup>, Kelle Ferreira Porto<sup>1</sup>, Kethlin Yasmin Gonçalves Silva<sup>1</sup>, Letícia Souza Lessa Ribeiro<sup>1</sup>, Marcelo Augusto Silva<sup>1</sup>, Melanie Araújo Costa<sup>1</sup>, Murilo Rocha Alves<sup>1</sup>, Natânia Valéria Carvalho Almeida<sup>1</sup>, Sandra Andrade Santos<sup>1</sup>, Taís Sousa Brito<sup>1</sup>, Juliana Barros Ferreira<sup>2</sup>



<https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n11p1411-1421>

Artigo recebido em 23 de Setembro e publicado em 13 de Novembro

### RELATO DE EXPERIÊNCIA

#### RESUMO

**INTRODUÇÃO:** A violência contra a mulher é um fenômeno complexo e multicausal, influenciado por fatores histórico-culturais e religiosos. Nessa perspectiva, atividades extensionistas voltadas à abordagem dos efeitos da violência contra a mulher visam melhorar a educação em saúde. **OBJETIVO:** Relatar experiência da realização de um projeto de extensão, por discentes de medicina, direcionado à intervenção no impacto da violência contra a mulher, com foco na saúde mental, na sexualidade e na prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's). **METODOLOGIA:** O projeto foi executado em um Centro de Referência da Mulher em Vitória da Conquista, BA, cujo público-alvo se encontra em situação de vulnerabilidade social. Foram realizadas três ações, com foco nas temáticas de saúde mental, sexualidade e IST's. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Esse projeto possibilitou que estudantes de medicina aplicassem, em contextos reais, os conhecimentos teóricos adquiridos em sala de aula, além do aprimoramento de habilidades de comunicação e trabalho em equipe. Para as assistidas, promoveu-se o desenvolvimento da autoestima mediante práticas de autocuidado, gerando impactos positivos no bem-estar físico e mental. Ademais, houve o esclarecimento dos aspectos relacionados ao prazer, à intimidade e à prática sexual saudável, somado à informação sobre os direitos sexuais no contexto da violência conjugal. Outrossim, possibilitou-se a compreensão do público-alvo acerca da prevenção de IST's, associada ao reconhecimento dos sinais e sintomas, dos fatores de risco e das formas de tratamento. Além disso, as mulheres demonstraram uma participação ativa nas atividades propostas, o que permitiu a consolidação da educação em saúde.



**CONSIDERAÇÕES FINAIS:** As ações foram essenciais para a promoção da saúde mental e prevenção de IST's de mulheres em situação de violência, ao criar um ambiente seguro e informativo sobre sexualidade. Para os estudantes de medicina, foi uma experiência enriquecedora, à medida que viabilizou a criação de vínculos com a comunidade. A continuidade de práticas extensionistas fortalece as políticas de saúde, de modo a ampliar o suporte integral às assistidas.

**Palavras-chave:** Violência contra a Mulher, Saúde Mental, IST, Sexualidade

## ABSTRACT

**INTRODUCTION:** Violence against women is a complex, multi-causal phenomenon influenced by historical, cultural, and religious factors. Extension activities addressing the effects of violence against women aim to improve mental health, sexuality, and the prevention of Sexually Transmitted Infections (STIs). **OBJECTIVE:** To report the experience of a community outreach project conducted by medical students focused on addressing the impact of violence against women. **METHODOLOGY:** The project was conducted at a Women's Referral Center in Vitória da Conquista, BA, targeting a socially vulnerable audience. Three sessions were held, focusing on mental health, sexuality, and STIs. **RESULTS AND DISCUSSION:** This project allowed medical students to apply theoretical knowledge in real contexts, enhancing their communication and teamwork skills. For the beneficiaries, the project promoted self-esteem through self-care practices, generating positive impacts on physical and mental well-being. Additionally, there was clarification on aspects related to pleasure, intimacy, and healthy sexual practices, along with information on sexual rights within the context of domestic violence. Moreover, it enabled the target audience to understand STI prevention, including awareness of symptoms, risk factors, and treatment options. The active participation of women in the activities helped consolidate health education. **CONCLUSIONS:** These actions were essential for promoting mental health and STI prevention among women experiencing violence, creating a safe, informative environment about sexuality. For medical students, it was an enriching experience that fostered community ties. Ongoing extension practices strengthen health policies, expanding comprehensive support to those served.

**Keywords:** Violence Against Women, Mental Health, STIs, Sexuality

Instituição afiliada – FACULDADE DE SAÚDE SANTO AGOSTINHO DE VITÓRIA DA CONQUISTA - BA

Autor correspondente: [murilorochoaalves7@gmail.com](mailto:murilorochoaalves7@gmail.com)

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

[International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)





## **INTRODUÇÃO**

A violência contra a mulher é um fenômeno complexo e multicausal, influenciado por fatores histórico-culturais e religiosos, e esta ocorre nos mais diversos níveis socioeconômicos, faixas etárias e etnias (Da Rocha et al., 2021; Medtler, Cúnico, 2022). Trata-se, portanto, de um grave problema de saúde pública, que resulta em impactos negativos para a saúde física e mental da população feminina (Rios; Dos Santos; Magro, 2023).

Em 2021, dados mostram que mais de 3.858 mulheres foram assassinadas de maneira violenta no Brasil, o que equivale a mais de 10 mortes diárias (IPEA, 2023). Segundo o Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania, em todo o estado da Bahia, foram registrados 4.572 casos de violações e 709 denúncias feitas. No município de Vitória da Conquista, por sua vez, foram registrados, em 2024, 134 casos de violações contra a mulher (Brasil, 2024). Esses dados alarmantes revelam a gravidade da violência contra a mulher no Brasil, destacando a necessidade de políticas públicas mais eficazes e ações concretas para a proteção das mulheres (De Vasconcelos et al., 2024).

A Organização das Nações Unidas (ONU) define a violência contra a mulher como qualquer ato que cause danos físicos, sexuais ou mentais, seja em âmbito público ou privado (A/RES/48/104). Essa forma de violência está fortemente ligada ao surgimento de transtornos mentais e sexuais, tornando-se uma questão relevante para a saúde mental (Faria; De Paiva, 2023; Lopes da Silva Junior et al., 2023). Em consonância com essa preocupação global, a Lei Maria da Penha foi criada no Brasil, em 2006, para prevenir a violência doméstica e familiar, além de garantir proteção e assistência às mulheres vítimas de agressão (Brasil, 2006).

No Brasil, a violência contra a mulher está historicamente ligada à sexualidade feminina, refletindo a objetificação para atividades domésticas, procriação e prazer desde a colonização (Borges; Oliveira; Ludovice, 2021). A cultura patriarcal mantém muitas mulheres em submissão à figura masculina, especialmente no que diz respeito ao dever de satisfazer desejos sexuais (Vidi; Inda Teixeira, 2022). Nesse contexto, as redes de apoio e os Centros de Referência da Mulher são essenciais para oferecer suporte e promover a autonomia de mulheres que enfrentam essa realidade de



violência (Brasil, 2006).

Entretanto, a situação de violência e opressão também torna as mulheres mais vulneráveis a Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), que são transmitidas pelo contato sexual com pessoas infectadas (Teixeira et al., 2022; Lopes da Silva Junior et al., 2023). As ISTs podem causar danos significativos à função sexual da mulher (Delziovoet al., 2018; Van Gerwenet al., 2022). Portanto, é fundamental que os profissionais de saúde implementem ações profiláticas para minimizar os danos à saúde das mulheres que sofreram agressão sexual (Lopes da Silva Junior et al., 2023).

Diante da necessidade de identificar e intervir nos impactos da violência contra a mulher na saúde mental, na sexualidade e na prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis, este relato de experiência tem o objetivo de descrever ações de um projeto de extensão com práticas interdisciplinares. Realizado com mulheres atendidas por um Centro de Referência no interior da Bahia, voltado para vítimas de violência doméstica e sexual. O projeto visou não apenas promover o acesso à informação e o bem-estar biopsicossocial dessa comunidade, mas também o acesso à educação em saúde, além de documentar e compartilhar os aprendizados adquiridos ao longo do processo.

## **METODOLOGIA**

O presente artigo trata-se de um relato de experiência do projeto de extensão elaborado por estudantes do quarto período do curso de Medicina, de uma instituição privada de ensino superior (IES) situada no município de Vitória da Conquista - BA, que tem como objetivo a promoção e a prevenção em saúde para mulheres em situação de violência. A equipe do projeto foi constituída por 18 (dezoito) discentes e orientada por 1(um) docente do curso de medicina. O projeto foi desenvolvido por um semestre, durante o período de 2024.2, no espaço ofertado por um centro de referência de atendimento à mulher.

Tal projeto intitulou-se “Violência contra a mulher: o impacto na saúde mental, sexualidade e prevenção de ISTs em mulheres em situação de violência doméstica e sexual, assistidas por um Centro de Referência em Vitória da Conquista” e possui como objetivo promover ações de bem-estar para as mulheres atendidas pelo centro de referência, ampliar o conhecimento sobre uma sexualidade feminina saudável e sensibilizar as participantes para a



adoção de práticas sexuais seguras e prevenção de ISTs. O projeto busca, assim, não apenas oferecer suporte, mas criar um espaço seguro e acolhedor para discussões e trocas que promovam a autonomia e o fortalecimento da saúde das mulheres que foram vítimas de violência.

Foi realizado um Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), com o objetivo de identificar as principais queixas das mulheres em relação aos eixos de saúde mental, sexualidade e ISTs. Para isso, foi aplicado um questionário, elaborado pelos discentes, com perguntas direcionadas a esses temas. As respostas obtidas mostraram um elevado índice de baixa autoestima, insatisfação com a vida sexual e baixa adesão no uso de preservativo durante a relação, respectivamente. Desse modo, para intervir sobre as problemáticas encontradas foram elaboradas três ações, com o intuito de direcionar cada dia a uma dessas temáticas.

A ação realizada para abordar a saúde mental e a autoestima consistiu na realização de uma dinâmica denominada “Caixa de Sentimentos”, em que cada participante depositou, de forma anônima, numa caixa um motivo para ser grato. Após esse momento, cada participante retirou, aleatoriamente, um papel da caixa e compartilhou com o grupo a mensagem contida. Todos os papéis foram expostos em um painel, no local, para que pudessem ser revisitados pelas participantes.

Ainda no primeiro dia de ação, foi realizada uma oficina de automaquiagem, na qual os discentes ensinaram técnicas para facilitar a execução de uma maquiagem para o cotidiano. Além disso, foi feita uma sessão de fotos para as mulheres interessadas, as quais foram posteriormente disponibilizadas para as assistidas.

O segundo dia de ação, foi proporcionado um momento de explanação sobre a anatomia e a fisiologia do corpo feminino pelos acadêmicos de medicina, com a utilização de peças anatômicas e material de apoio para garantir a compreensão do público. Posteriormente, ocorreu uma roda de conversa com uma ginecologista que abordou as temáticas de sexualidade, prazer feminino e práticas sexuais saudáveis.

Por fim, o último dia foi iniciado com uma explanação sobre a menopausa por uma discente. Após esse momento, ocorreu uma dinâmica, na qual foram apresentadas oito situações cotidianas, que impactam diretamente a saúde sexual, relacionamentos e bem-estar das mulheres e a transmissão de ISTs. Para finalizar os estudantes utilizaram peças anatômicas para ensinar as mulheres sobre o uso correto do preservativo feminino e masculino, por meio de orientações acerca de como, quando e por que utilizá-los nas relações sexuais.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**



Cada dia de ação teve um foco específico para a promoção da saúde e bem-estar da mulher. As atividades como a dinâmica da gratidão e a oficina de maquiagem estimularam a autoestima e o autocuidado das mulheres participantes, sendo uma oportunidade para reflexões positivas. Por outro lado, a ação com foco na anatomia e na fisiologia do aparelho reprodutor feminino, além da roda de conversa com a ginecologista, favoreceram uma maior compreensão do próprio corpo e um espaço seguro de debate para sanar as dúvidas, inclusive nas temáticas como libido e desejo sexual. Por último, a ação voltada para a prevenção de ISTs, com atividades lúdicas e peças anatômicas, bem como a explicação do uso dos preservativos, incentivaram escolhas conscientes para uma melhor proteção nas relações sexuais.

Paralelamente, a adesão do público-alvo, constituído majoritariamente por mulheres, traz a importância e o impacto positivo das atividades, que foram elaboradas e executadas, desde a logística e divulgação do trabalho até o acolhimento e a interação das participantes. Este vínculo entre a Universidade e a comunidade proporcionou um ambiente seguro e facilitador para a percepção das demandas reais e oferecimento de soluções acessíveis e sustentáveis.

A concretização do projeto de extensão, com baixo custo, possibilitou aos acadêmicos de Medicina experimentar o conhecimento teórico e científico na prática, proporcionando um contato direto com a comunidade e uma percepção mais clara das demandas em saúde. O projeto de extensão favoreceu o comprometimento dos estudantes e o desenvolvimento de habilidades clínicas e humanísticas, que são competências básicas para a atividade médica, como a empatia, o trabalho em equipe e a comunicação.

Acredita-se, portanto, que, a implementação da curricularização na extensão na matriz acadêmica dos cursos de medicina, proporciona ao estudante o desenvolvimento de competências essenciais para sua formação cidadã e profissional, proporcionando uma formação médica mais humana e voltada para a realidade social (Almeida, Barbosa, 2019; Santana et al., 2021). A literatura científica destaca a importância do desenvolvimento de habilidades como o trabalho em equipe e a comunicação assertiva, itens fundamentais para a segurança e qualidade no atendimento ao paciente, além da formação de um profissional empático e humanizado, sensível às necessidades



individuais e coletivas, dentro dos princípios de humanização e pedagogia do cuidado (Freire, 1987; Costa; Costa; Pereira, 2023).

Para um projeto de extensão voltado ao atendimento de mulheres em situação de violência doméstica, é fundamental considerar os aspectos psicológicos que impactam sua saúde mental e capacidade de enfrentar o problema. Além disso, instabilidade emocional e o sentimento de desamparo são comuns entre as vítimas, e dificulta o relato de violência aos profissionais de saúde (Gallon; Mueller, 2021; D'Oliveira et al., 2020). Ademais, há uma necessidade clara de interdisciplinaridade em todas as etapas das práticas extensionistas, conforme apontado por autores que discutem as atuais demandas pedagógicas para o ensino médico (Santos. et al., 2015; Batista, 2006).

A abordagem da violência contra as mulheres, especialmente a violência sexual, exige uma combinação de sensibilidade e conhecimento, considerando tanto o impacto emocional nas vítimas quanto a resistência social ao tema (Duarte; Oliveira, 2010). A resistência traz a desinformação sobre a transmissão de ISTs contribui para o aumento das chances de contaminação (Antonsson, 2022). Nesse cenário a promoção da educação sexual inclusiva e sensibilização das mulheres para o conhecimento sobre seu corpo, fortalece assim a autonomia e reduz as vulnerabilidades impostas pela falta de informação adequada.

Além disso, a desinformação está fortemente associada à maior incidência de ISTs, especialmente entre mulheres de baixa renda e escolaridade, que frequentemente se veem obrigadas a atender às exigências dos parceiros sob ameaça física, emocional ou sexual (Fernandes; Narchi, 2012). Sendo que nos relacionamentos estáveis, a ausência de uso de preservativos também é um fator que induz as mulheres a comportamentos sexuais de risco, aumentando a probabilidade de contrair ISTs (Ribeiro; Silva; Saldanha, 2011). A ausência de uma educação sexual formal, ou sua obtenção por meio de fontes informais, como conversas com amigas, resulta em um entendimento restrito sobre o próprio corpo e o prazer feminino. Essa falta de conhecimento aumenta a vulnerabilidade das mulheres à objetificação, ao estupro conjugal e a situações como gravidez não planejada (Campos, 2024).

Dessa forma, projetos de extensão voltados para a educação em saúde desempenham um papel crucial na conscientização sobre os riscos das ISTs, sexualidade



e saúde mental, não apenas informando, mas também desconstruindo estigmas e normas culturais que muitas vezes limitam o entendimento e a discussão sobre esses temas. Além disso, ao proporcionar espaços seguros para o diálogo e a troca de experiências, esses projetos promovem o empoderamento das mulheres, fortalece sua autonomia e capacidade de tomar decisões informadas sobre seus corpos, sexualidade e saúde.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações voltadas para a sensibilização às mulheres atendidas pelo Centro de Referência em Vitória da Conquista, mostraram-se essenciais para a promoção da saúde mental e prevenção de ISTs entre o público em situação de violência. Essas atividades ofereceram um ambiente seguro para troca de experiências, além de contribuir para o conhecimento acerca da sexualidade feminina. Para os estudantes de medicina presentes, as ações proporcionaram uma experiência enriquecedora, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades comunicativas e uma abordagem mais empática e humanizada.

Destaca-se a importância e necessidade de práticas extensionistas contínuas como complemento e fortalecimento às iniciativas governamentais de prevenção e promoção da saúde. Ao integrar as políticas públicas de saúde, com as instituições de ensino e redes de apoio, pode aumentar o alcance das medidas de enfrentamento à violência contra a mulher, promovendo uma sensibilização e ofertando suporte integral às assistidas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. M. V.; BARBOSA, L. M. V. curricularização da extensão universitária no Ensino médico: o encontro das gerações para a humanização da formação. **Revista Brasileira de Educação Médica, Pernambuco**, v. 43, supl. 1, p. 672-680, 2019.

ANTONSSON, A. et al. Sexual debut and association with oral humanpapillomavirusinfection, persistence and oropharyngealcancer—An analysis of two Australian cohorts. **International Journal of Cancer**, v. 151, n. 5, p. 764–769, 2022.



**Violência contra a mulher: o impacto na saúde mental, sexualidade e prevenção de ISTs em mulheres em situação de violência doméstica e sexual, assistidas por um Centro de Referência em Vitória da Conquista.**

Yoshiura et. al.

BATISTA, S. H. S. A interdisciplinaridade no Ensino Médico. **Revista Brasileira de Educação Médica**. Rio de Janeiro, v.30, n. 1, p. 39-46, 2006.

BORGES, M. C.; OLIVEIRA, C. de F.; LUDOVICE, C. de A. B. Sexualidade e violência contra a mulher: educação sustentável para a igualdade de gênero. **Revista Multidebates**, v. 5, n. 4, p. 164-173, 2021.

BRASIL. **LEI MARIA DA PENHA**. Lei N.º11.340, de 7 de Agosto de 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. **DATASUS**. Tabnet. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2024.

CAMPOS, L. Experiências que influenciam na sexualidade de mulheres que vivenciaram violência conjugal. **Rev Min Enferm**, v. 28, n. 1532, p. 112-114, 2024.

COSTA, D. C.; COSTA, N. M. S. C.; PEREIRA, E. R. S. Os papéis do professor de Medicina: diálogo entre teoria e prática no ensino superior. **Revista Brasileira de Educação Médica**. v.47, n. 4, p. 1-9, 2023.

DA ROCHA, R. L. et al. Violência doméstica contra a mulher e seus impactos sociais. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 1, p. 1542-1565, 2021.

DELZIOVO, Carmem Regina et al. Violência sexual contra a mulher e o atendimento no setor saúde em Santa Catarina–Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 5, p. 1687-1696, 2018.

DE VASCONCELOS, N. M. et al. Subnotificação de violência contra as mulheres: uma análise de duas fontes de dados. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 29, n. 10, p. e07732023, 2024.

D'OLIVEIRA, A. F. P. L. et al. Obstáculos e facilitadores para o cuidado de mulheres em situação de violência doméstica na atenção primária em saúde: uma revisão sistemática. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 24, n. 1, p. 1-17, 2020.

DUARTE, T. M.; OLIVEIRA, L. S. Violência sexual: um desafio para a saúde pública no Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 13, n. 2, p. 163-175, 2010.

FARIA, N. C.; DE PAIVA, F. S. Saúde mental e violência contra a mulher: reflexões a partir de um estudo de caso. **Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 16, n. 3, p. e20290, 2023.

FERNANDES, R.A.Q.; NARCHI, N.Z. **Enfermagem e Saúde da Mulher**. 2. ed. Barueri: Manole, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALLON, A. A.; MUELLER, A. A. Violência contra a mulher: consequências e políticas de enfrentamento. **Humanidades em Perspectivas**, v. 3, n. 7, p. 20-34, 2021.

IPEA. INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Atlas da Violência 2023**. Rio de Janeiro: IPEA, 2023.



LOPES DA SILVA JUNIOR, A. et al. Notificação de violência sexual contra a mulher na Bahia. **Saúde.com**, v. 19, n. 1, p. 1, 2023.

MEDTLER, J.; CÚNICO S. D. Violência Contra a Mulher: Onde Começa e Quando Termina? **Revista Pensando Famílias**, v. 26, n. 1, p. 198-213, 2022.

ONU BR – NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL – ONU BR. **A Agenda 2030**. 2015.

RIBEIRO, K.; SILVA J.; A. A. W. SALDANHA. Querer é Poder? A Ausência do Uso de Preservativo nos Relatos de Mulheres Jovens. **Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis**, v. 23, n. 2, p. 84–89, 2011.

RIOS, H. M.; DOS SANTOS, M. F. R.; MAGRO, I. R. Sexualidade feminina: um estudo investigativo nas relações abusivas. **Revista transformar**, v. 17, n. 1, p. 263-249, 2023.

SANTANA, R. R. et al. Extensão universitária como prática na promoção da saúde. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 46, n. 2, p. 1-17, 2021.

SANTOS, R. N. L. C. et al. Integralidade e Interdisciplinaridade na Formação de Estudantes de Medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**. v.39, n.3, p. 378-387, 2015.

TEIXEIRA. V. A. et al. vulnerabilidade feminina às infecções sexualmente transmissíveis sífilis e hiv/aids no brasil: uma revisão integrativa da literatura. **Recima21 - revista científica multidisciplinar**, v. 3, n. 9, e391890, 2022.

VAN GERWEN, O. T. et. al. Sexuallytransmittedinfections and femalereproductive health. **Naturemicrobiology**, v. 7, n. 8, p. 1116–1126, 2022.

VIDI, T. S.; INDA TEIXEIRA, P. G. A mulher como objeto de consumo: uma análise da relação da objetificação feminina com os indicativos de feminicídio no Brasil. **Revista da faculdade de direito de são bernardo do campo**, v. 28, n. 2, p. 14, 2022.